

**Notas da Apresentação da Escola de Comunidade
com Davide Prospero e S.E.R. Dom Filippo Santoro
por videoconferência de Milão, 15 de março de 2023**

Texto de referência: L. Giussani, *Dar a vida pela obra de Outro*, São Paulo: Companhia Ilimitada, 2022, pp. 111-145.

Filippo Santoro

Rezemos uma *Ave Maria* pelas guerras em curso, pelas vítimas das guerras que estão acontecendo na Ucrânia e em outros 169 países do mundo. Há realmente, como diz o Papa Francisco, uma guerra mundial em curso, não mais apenas fragmentada. Rezemos também pelas vítimas do terremoto, pelos naufragos de Cutro e por todos os que se afogaram no mar. A oração é um pedido ao Mistério para que acolha os mortos e ilumine as mentes de quantos têm responsabilidades em terra e no mar.

Ave Maria

Davide Prospero

Boa noite. Esta é a última apresentação da Escola de Comunidade sobre *Dar a vida pela obra de Outro*. Como já foi dito, depois dos Exercícios da Fraternidade começaremos a trabalhar *O senso religioso*. O objetivo é retomar todo o PerCurso de Dom Giussani – *O senso religioso, Na origem da pretensão cristã e Por que a Igreja* – que, nos próximos anos, constituirá o trabalho fundamental de formação, a catequese adulta do Movimento, como foi desde o início. No último mês e meio trabalhamos sobre “Deus e a existência” – depois da apresentação que Dom Filippo fez no último encontro –. Muitas perguntas chegaram. Para não sobrecarregar muito o trabalho desta noite, que visa apresentar a próxima parte do texto que trabalharemos de hoje até os Exercícios da Fraternidade, escolhemos duas, que resumem a maioria das contribuições e sintetizam o percurso feito. Todas as outras perguntas serão respondidas pelos responsáveis locais.

Aqui está a primeira delas: «*A redução do coração a sentimento*. Nós tomamos o sentimento, em vez do coração, como motor último, como razão última do nosso agir. [...] Ao contrário, o coração representa e age como o fator fundamental da personalidade humana [...]. O estado de espírito tem uma finalidade bem diferente para ser digno: tem a finalidade de uma condição posta por Deus, pelo Criador, pela qual somos purificados” (pp. 103-104). Peço uma ajuda, se possível, sobre isso. Obrigado».

Santoro

Obrigado, Davide. Boa noite a todos os presentes e a todos os que acompanham *online*. O que é o coração e o que é o sentimento, o estado de espírito? Para começar a responder, parto da minha experiência brasileira. Para ir dar aulas, eu fazia o percurso da paróquia onde morava até o seminário de carro. Quando chegava a um determinado cruzamento, sempre havia um ambulante querendo me vender lenços de papel e outras coisas. Normalmente eu parava para comprá-los. Certa manhã, meu sentimento estava cheio de preocupações por diversas coisas. Então, cheguei ao cruzamento e encontrei o cara todo curvado vendendo objetos, como sempre: «Padre, como vai?» De novo: «Padre, como vai?» Eu respondi, seco: «Hoje eu não quero comprar nada». Ele respondeu: «E hoje eu quero vender tudo, porque tenho que sustentar a família!» Com essa frase ele me “pegou”. Antes eu tinha um sentimento momentâneo, um estado de espírito preocupado com outra coisa, mas, quando ele me disse que tinha que sustentar a família, meu coração entrou em ação. Então eu disse: «Fantástico! Dê-me um pacote de lençinhos». Então, não confundamos as coisas. O coração é a unidade do sentimento e da razão frente ao significado que é a razão da vida, a razão da minha ação. E o sentimento é algo que deve ser acolhido, valorizado e, como diz Dom Giussani, posto em foco. Assim, eu pude ter um interesse ainda maior por aquele vendedor.

Para continuar a resposta, vou ler dois testemunhos. Um que foi lido durante o Dia de Início de Ano de 1994. Gloria, que na época estava em missão em Kampala, numa casa do Grupo Adulto, junto

com a Rose e outras três amigas que se dedicavam ao atendimento domiciliar nas piores condições de pacientes de AIDS, escreveu:

«Uma manhã, quando cumprimentei Rose, ela me disse: “Reze a Nossa Senhora para que hoje você não se assuste ao ver como Cristo se apresentará a você”. Com estas palavras no coração, fui com Cláudia à prisão de menores. Tudo me enojava: do cheiro, à sujeira, à sarna, aos piolhos. E, naquele momento, lembrando das palavras de Rose, entendi que o pedido coincidia com a posição da minha pessoa, com o meu gesto. Estar ali, diante deles, compartilhando o pouco que podíamos, coincidia com pedir a Cristo. Entre pedido e gesto não havia nenhuma descontinuidade. Este é exatamente o clima da casa. De fato, desde o início, ficou claro para mim que para viver eu não poderia procurar um espaço individual, feito de memórias nostálgicas ou mesmo religiosas, mas olhando para Cláudia, Rose, Rita e Silvia eu tinha que rezar, porque o que eu preciso é reencontrar continuamente o acontecimento, a Presença que, reconhecida, muda o olhar e o sentimento de si e de todas as coisas» (*Passos*, 1994, Cartas). A memória da Presença do grande Acontecimento muda o olhar e o sentimento de si e de todas as coisas.

O segundo testemunho está no livro *Luigi Giussani. A sua vida*. Savorana conta: «Para Giussani são meses marcados pelo sofrimento: espasmos, contrações, problemas no estômago e problemas respiratórios. Uma noite de junho [de 2004], ao fim de horas muito difíceis, Jone ouve-o exclamar: “Que raio de dia!”. Mas imediatamente depois: “Mas se viver este dia a fazer os possíveis por atravessar estas circunstâncias, ao viver as ocasiões que o Mistério permite, tenho a certeza de que irei avançar melhor e mais depressa para o Destino que um dia irei ver, muito melhor do que todos os meus projetos para viver este dia. Por isso este dia é bonito porque é verdadeiro”» (*Dom Giussani. A sua vida*, Coimbra: Tenacitas, 2017, p. 1175). É bonito porque é verdadeiro. O coração é o reconhecimento do verdadeiro na circunstância. O coração não deve ser confundido com o sentimento momentâneo, com o estado de espírito. Por isso, mesmo neste momento supremo da sua vida, Dom Giussani reconhece que a fragilidade, a fraqueza é o caminho para o Mistério.

Prosperi

A segunda pergunta é: «Em primeiro lugar, quero agradecer pelo trabalho que Dom Filippo está nos fazendo fazer, em particular pela última apresentação da Escola de Comunidade. Fiquei particularmente tocado com uma palavra que foi pronunciada com força por Dom Filippo: a palavra “juízo”. Eu me perguntava esses dias o que exatamente significa para mim e como essa palavra interage com a minha vida. Como podemos nos ajudar a desenvolver um juízo comum em relação aos desafios que a vida de hoje nos traz? Ou melhor: como podemos crescer através de juízos que não sejam apenas formas de intelectualismo e sempre se traduzam em gestos que incidem concretamente na nossa vida e na dos outros?»

Santoro

Nesta pergunta há um pedido para explicar, para aprofundar a diferença que existe entre algo que provamos, que eu provo neste momento, e o juízo que sustenta a experiência. Algo que você prova ainda não é experiência. Aquilo que provamos se torna experiência se é julgado, se é avaliado diante do que importa. Em *Si può (veramente?!) vivere così?*, Giussani escreve: «O conteúdo da experiência é a realidade. Um homem está apaixonado por uma mulher: isso é um fato, um fenômeno. O poeta anda por aí com as mãos no bolso e chega até esse fato. Esse fato entra em seu horizonte de visão, ou seja, entra no âmbito de seu conhecimento. Sendo um fenômeno real, torna-se objeto de conhecimento. Esse é o início do fenômeno, mas não é tudo. Diante desse objeto de conhecimento, o olhar do poeta se incendeia de curiosidade, de simpatia, de aprovação, porque vê, no fenômeno, algo que gostaria de viver também, mas, sendo um jovem poeta de apenas quinze anos, ainda não o vive daquela forma. Ele prova o gosto de uma nostalgia: prova, ou seja, reage com um sentimento de inveja e um desejo de viver também aquele fenômeno. Até aqui, não é experiência, mas algo do qual se prova o gosto, que faz reagir, nesse caso espontaneamente. Se a pessoa não tem quinze anos, mas trinta e cinco – “a meio do caminho desta vida” –, mesmo que não seja Dante e que o objeto não seja Beatriz, o conhecimento desse fenômeno que lhe provoca inveja

suscita nele determinadas perguntas. Se ele, com a caixa ressonante de Quincke, que é a lealdade... A lealdade do homem original, a sinceridade da criança é como a caixa ressonante de Quincke. Vocês sabem o que é? *Colocação – Não*. Primeiro ano do colegial, física. Na caixa ressonante de Quincke vocês têm sete chapas e um diapasão. Para saber de que nota é esse diapasão, vocês o põem na frente dessas chapas e, quando ele chega ao *si*, ouvem um som forte: é um diapasão afinado em *si*. A caixa ressonante de Quincke é toda a natureza desse poeta que faz perguntas àquilo que ele prova, à inveja, à nostalgia que ele prova: “Isso é uma satisfação real? É uma resposta verdadeira à minha exigência? É felicidade? É verdade e felicidade?” Essas exigências não nascem no que ele prova, mas nascem nele, diante do que prova, nascem nele, empenhado com o que prova. Essas perguntas julgam o que ele prova [eis que entra em jogo o juízo]. É aí [aí!] que o puro e simples provar se torna experiência» (*Si può (veramente?!) vivere così?*, Milão: Bur, 1996, pp. 81-82).

Não significa que o puro e simples provar deva ser jogado fora. Esta é a parte inicial e se torna experiência quando está dentro de um juízo. Um juízo, esta é a experiência. Uma experiência real e verdadeira é aquela em que o juízo de valor entra em campo. Então, realmente, é muito importante não confundir as coisas, como se o que eu provo fosse um “fiz experiência”. Ah, não! O que eu provo é a porta para a experiência. A experiência existe quando o que eu encontro é julgado a partir do relacionamento que ilumina toda a minha vida. Já demos muitos outros exemplos, por exemplo, sobre se apaixonar. Para concluir, é muito importante enfatizar a diferença entre o que provamos e a experiência, quando o que provamos é iluminado pelo juízo.

E aqui, gostaria de começar a apresentação de um texto muito rico: “Fé em Deus é fé em Cristo”.

Vou me concentrar em duas coisas:

- Os famosos «cinco “sens”», que constituem uma das coisas mais geniais de Dom Giussani.
- A conclusão, que vocês encontram depois da Assembleia.

Vamos direto ao cerne!

A palestra da manhã dos Exercícios de 1998 parte da pergunta: «Como posso conhecer a Deus de maneira tal que tenha influência sobre a vida?»

A palestra da tarde retoma a pergunta, e responde: para que Deus seja reconhecido como tudo em tudo, é preciso que cada um de nós «tente identificar-se, imitar e seguir Jesus Cristo».

Assim, o ponto 1 é sobre a primeira incidência que a imitação de Cristo tem na nossa vida: “Uma mentalidade nova” (pp. 111-116).

Leiam-no com atenção: é um esplêndido convite a um verdadeiro uso da razão, que sempre definimos como consciência da realidade segundo todos os fatores.

1) OS «CINCO “SENS”» DO RACIONALISMO MODERNO

Agora, quero me concentrar nos «cinco “sens”». O que eles são?

- São os aspectos do nosso contexto cultural já há mais de 25 anos – eu diria –. De fato, estamos num contexto de racionalismo avançado, moderno.

- Um contexto que é hostil à fé como reconhecimento de uma Presença excepcional que nos atrai a aderir a Si.

- Um contexto em que a fé é cada vez mais alheia à vida, cada vez mais incapaz de se colocar como força transformadora da realidade; algo que não diz respeito à realidade, algo (como ouvi certa vez) «acima das nuvens» (e não «abaixo das nuvens»). Sendo que a Encarnação é justamente a entrada do Mistério na realidade. Nestes dias, por causa do trabalho que realizei na Comissão para os Problemas Sociais (para a Semana Social dos Católicos Italianos), fui convidado para encontros sobre Comunidades Energéticas. Então, me perguntaram: «Como o senhor – que é bispo – se põe a falar das Comunidades Energéticas?» Eu disse: «Por que eu não deveria? Se economizarmos energia, vamos contribuir com o que o Papa Francisco disse: para cuidarmos da nossa casa comum. Então, assim como cuidamos das pessoas, que são um dom para a nossa vida, também nos preocupamos com a nossa casa comum». E a proposta que fizemos é que todas as nossas paróquias

(25.600 paróquias!) possam se tornar Comunidades Energéticas, não isoladas, mas junto com outras. «Mas por que o senhor, que é bispo, está nos falando sobre essas coisas?» «Bom, porque a fé não é algo «acima das nuvens», mas «abaixo das nuvens», por isso também defendemos a nossa casa comum, que é o nosso planeta, porque tudo nos interessa, tudo nos apaixonamos!»

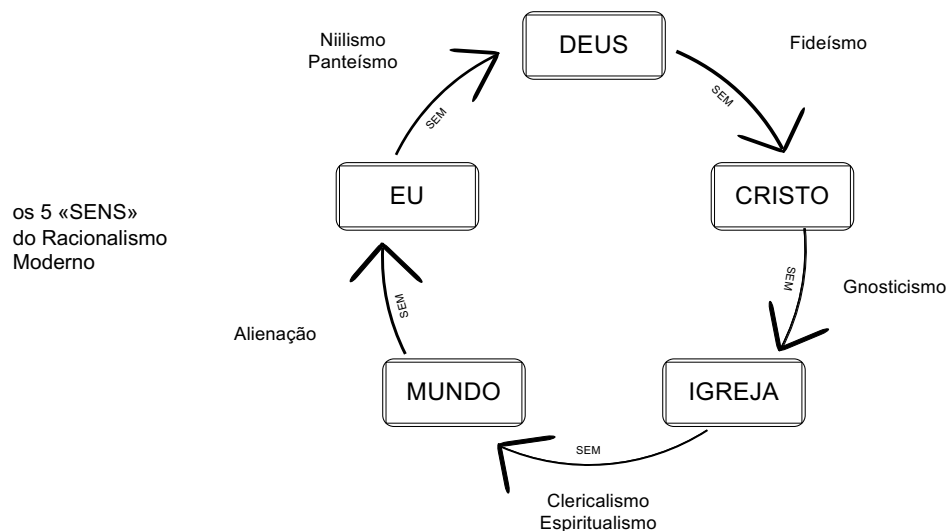
- Um contexto em que a fé, em vez de ser o reconhecimento da Sua presença excepcional, é confundida em muitos casos com um sentimento religioso genérico (por isso será muito importante fazer o trabalho sobre O *sensu religioso*, o itinerário completo) e, portanto, é esvaziada do seu significado.

- Dom Giussani chama esse contexto cultural de «racionalismo moderno», isto é, ideologia dominante.

- Mas nos coloca em alerta, porque este contexto não afeta apenas «os outros»: acaba, pouco ou muito, por poluir a nossa própria mentalidade.

- É um contexto cultural com o qual temos de lidar – no trabalho, na escola, na universidade e, às vezes, até mesmo no mundo eclesial!

Estes são, então, os «cinco “sens”». Preparei um *slide* do percurso, que será exibido na tela.



1. Deus sem Cristo

A primeira consequência do racionalismo é «*Deus sem Cristo*».

É o fideísmo: vivemos num mundo em que pode haver um impulso religioso genérico.

Giussani diz: «A *fé*, como atitude real que o homem vive em relação a Deus, não é genérica: é *fé em Cristo*. [...] A *fé* em Cristo supera e esclarece o senso religioso do mundo. A *fé* desvela o objeto do senso religioso, que é inacessível à razão» (p. 113). O senso religioso nos faz intuir a existência do Mistério, mas não o compreende. «A *fé* em Cristo [...] é conhecer uma Presença como excepcional, ser tocado por ela e, então, aderir ao que ela diz a respeito de si. É um fato: é um fato que tornou possível o surgimento do cristianismo no mundo» (p. 114). O fideísmo realiza-se «eliminando a racionalidade da *fé*» (p. 117). O que não é admitido é o anúncio de que só através de Cristo Deus pode se revelar a nós pelo que Ele é (cf. p. 117), pode nos alcançar e pôr a nossa vida em movimento.

Nós também somos influenciados por essa atitude: assim, mesmo nas relações mais familiares – no trabalho, na escola – é como se às vezes tivéssemos «vergonha de Cristo».

2. Cristo sem Igreja

O segundo aspecto imediatamente consequente é «*Cristo sem Igreja*».

Aqui, Dom Gius fala da gnose. O que isso significa? Elimina-se o fato de que Cristo se torna familiar, contemporâneo a cada um de nós, conhecido na vida através de uma experiência humana, uma experiência feita de tempo e de espaço, feita de relacionamentos humanos e, como toda realidade, também material.

Sem este aspecto da materialidade da experiência que o homem faz de Cristo, não há possibilidade de verificar a contemporaneidade de Cristo, de verificar a verdade do que Ele disse a respeito de si: a Igreja, isto é, a experiência da contemporaneidade de Cristo na carne dos encontros que caracterizam a nossa vida em comunidade.

Que força tem a afirmação de Tertuliano: «*Caro cardo salutis*», a carne é o eixo da salvação! A eliminação da carnalidade, implicada em toda experiência humana, também na experiência de Jesus Cristo, torna Cristo e a Igreja uma abstração.

Enquanto Cristo se torna uma proposta para a vida através de um gesto de partilha, de atenção à necessidade, de amizade, de convite a desfrutar de uma beleza: carrega uma materialidade que mostra a contemporaneidade de Cristo à nossa vida (cf. p. 119).

3. Igreja sem mundo

O terceiro aspecto da incidência que o racionalismo moderno levou para dentro da nossa vida eclesial é uma «*Igreja sem mundo*».

Aqui, Giussani indica dois perigos nos quais podemos cair que ferem na raiz a atração da proposta cristã: o clericalismo e o espiritualismo.

Em primeiro lugar, o clericalismo, isto é: preocupar-se em respeitar «leis bem fixadas para cada pormenor da vida, que tendem a descrever a atitude que se deve ter em cada circunstância» (p. 123). Em vez da proposta de uma vida, uma prisão. Estão entendendo por que o Papa Francisco sempre fala contra o clericalismo? Qual foi a principal preocupação do Papa nestes dez anos? Muitos disseram: o anúncio, a nova evangelização, o primado da evangelização sobre a defesa pura e simples dos temas éticos. Em primeiro lugar, o anúncio deste Fato surpreendente, que se encarna numa realidade concreta, a Igreja, que dialoga com o mundo, com a realidade de todos, que entra nos problemas, que está particularmente próxima dos pobres, das necessidades, do sofrimento do mundo.

Em relação a isto, não posso deixar de ler a passagem de Péguy citada por Dom Giussani:

«Assim, nós navegamos constantemente entre dois curas, nós manobramos entre dois bandos de curas: os curas laicos e os curas eclesiásticos; os curas clericais anticlericais e os curas clericais clericais; os curas laicos que negam o eterno do temporal, que querem desfazer, desmontar o eterno do temporal, de dentro do temporal; e os curas eclesiásticos que negam o temporal do eterno, que querem desfazer, desmontar o temporal do eterno, de dentro do eterno. Assim, uns e outros não são de modo algum cristãos, uma vez que a própria técnica do cristianismo, a técnica e o mecanismo de sua mística, da mística cristã, é o engate de uma peça do mecanismo em outra; é este enxerto de duas peças, este engate singular, mútuo, único, recíproco, que não se pode desfazer: indismontável; [um do outro] um no outro e o outro no um, o temporal no eterno, e (mas, sobretudo, o que com maior frequência é negado) (o que, com efeito, é a coisa mais maravilhosa), o eterno no temporal» (p. 120).

Em segundo lugar, o espiritualismo, isto é: a fé justaposta à vida. Uma proposta abstrata, que não interfere nos problemas, na mentalidade do mundo, que não arrisca uma posição, que evita as questões “quentes” da sociedade. Vivemos numa tepidez íntima, autorreferencial, desprovida de incidência, desprovida do gosto da batalha.

Um espiritualismo evanescente. Mas que tipo humano pode continuar atraído por uma proposta assim?

Mais uma vez, Péguy nos ajuda:

«Aqueles que tomam distância do mundo, aqueles que ganham altura rebaixando o mundo não se elevam. Uma vez que não têm a força e a graça de ser da natureza, creem ser da graça. [...] Uma vez que não têm a coragem do temporal, creem já ter começado a penetração do eterno. Uma vez que não têm a coragem de estar no mundo, creem ser de Deus. Uma vez que não têm a coragem de

ser de um dos partidos do homem, creem ser do partido de Deus. Uma vez que não amam a ninguém, creem amar a Deus» (p. 123).

O espiritualismo fala da ressurreição de forma sentimental: como devoção a uma lembrança. A Ressurreição não é uma presença e a salvação não está já começada.

Em vez de «Igreja sem mundo», Santo Agostinho fala de «*Reconciliatus mundus, Ecclesia*» (p. 120): a Igreja é o mundo reconciliado, o mundo que encontra sua unidade em si, com Deus. A fé anuncia e tende a realizar, no limite do possível, a salvação de um presente.

4. Mundo sem eu

Quarta consequência: se o mundo não se reconcilia com Deus, a pessoa não encontra lugar para seu florescimento: «*mundo sem eu*».

Em vez de «o âmbito onde Cristo realiza no tempo a redenção do homem e da história», o mundo acaba por ser «o âmbito da existência definido pelo poder e por suas leis» (pp. 123-124).

A consequência última disso é «a perda da liberdade», a abolição da liberdade: «uma abolição não proclamada teoricamente, mas realizada de fato» (p. 124).

Dom Gius chama tudo isso de alienação. E a nossa pessoa não se torna protagonista da história.

Quantas vezes Dom Giussani citou a frase de Jesus: «“Pensais vós que ainda haverá fé sobre a terra quando vier o Filho do Homem?” Este “mundo” é o mundo [...] onde o eu é negado e alienado, onde os significados de vida, tempo, espaço, trabalho, afeição, sociedade não nascem do pertencer a Cristo por meio do pertencer à Igreja» (p. 124).

Se o nosso eu é alienado, a escola, a universidade, o nosso local de trabalho perdem a contribuição original da nossa pessoa, a contribuição original que o eu deve dar, é chamado a dar, dentro da realidade.

5. Eu sem Deus

Quinta consequência: o eu, alienado, subordinado ao mundo, é um «*eu sem Deus*».

Um eu que não está diante do seu Senhor, para lhe agradecer a vida intensa que lhe deu ou mesmo para se queixar das circunstâncias difíceis que o faz atravessar (quantos Salmos expressam, com dignidade e abandono último, este lamento!).

Um eu sem Deus não pode evitar o tédio e a náusea. Assim, vai deixando a vida levá-lo: pode sentir-se partícula do todo (panteísmo) ou é presa do desespero (niilismo) (cf. p. 125).

O panteísmo, de fato, leva a pessoa a sentir-se uma partícula indistinta do todo: assim, a pessoa é insignificante neste mundo, antes de se afogar no grande mar do tudo. «A ideia de estar como que afogado num mundo em que nos dissolvemos com volúpia» (p. 125), diz Claudel.

A versão mais trágica é o niilismo: ser presa do mal e do nada, ou seja, do desespero.

Depois da parte sobre os «cinco “sens”», o terceiro ponto da palestra se intitula «A moralidade nova» (p. 125).

Aqui, Dom Gius mostra como a fé em Cristo produz não só uma mentalidade nova (uma mentalidade que rejeita os «cinco “sens”» do racionalismo moderno), mas também uma moralidade nova, uma maneira nova de tratar as pessoas e as coisas.

Vocês lerão todas as passagens, que nos permitem entender a extraordinária definição de moralidade nova de Dom Gius: «A moralidade nova [...] é o reconhecimento amoroso de uma Presença conectada com o destino» (p. 126). A moralidade: este instante é moral porque é o reconhecimento amoroso de uma Presença agora, conectada com o nosso destino.

Assim, diz Dom Giussani referindo-se ao que lhe disse um amigo sobre a moralidade, a glória de Cristo pode tornar-se a paixão mesma de um jovem ou de um homem adulto (p. 131).

2) «SÓ O MARAVILHAMENTO CONHECE»

No final da Assembleia, Dom Gius conclui os Exercícios propondo a frase de São Gregório de Nissa: «Os conceitos criam ídolos, só o maravilhamento conhece» (p. 143).

Vamos trabalhar cuidadosamente sobre estas três páginas nas quais, falando de improviso, Giussani repropõe uma dimensão fundamental do nosso Movimento: aderimos a algo *que requer sacrifício*

pela força de atração que tem. Como João e André: que atração aquele homem deve ter exercido sobre eles!

O modo como Cristo nos convenceu, nos atraiu a Si e nos atrai, é a beleza, a sugestividade de uma Presença: foi a mesma coisa com o Senhor, foi a mesma coisa com Dom Giussani, e é a mesma coisa, hoje, para cada um de nós.

1. Pensemos, em primeiro lugar, no Senhor (porque este é o método que Deus usou).

Eis como Dom Gius nos falou do trecho da mulher de Naim (e daquela Presença que atrai e que comove), «cujo filho de dezessete anos levavam para o sepulcro, e ela era viúva, chorava como uma desesperada, e Jesus lhe diz: “Mulher, não chores!” “Mulher, não chores!”, e lhe restitui o filho. Por que diz “mulher, não chores!” e lhe restitui o filho? Um Deus glacial, de cristal frio, realizaria tranquilamente a ressurreição, da mesma forma como realiza a criação. Teria sido quase mais condigno para Deus... ou melhor, sem o quase; teria sido mais digno de Deus dizer: “Levanta-te!” e restitui-lo a sua mãe. Dizer “mulher, não chores!” é como ceder alguma coisa. Cede, é como ceder: é um homem, é um homem... Deus é um homem, é mais homem do que o homem: chama-se compaixão, a gratuidade de Deus está cheia de compaixão» (*Si può (veramente?!) vivere così?*, op. cit., p. 488).

Pois bem: Cristo atraiu a Si os primeiros, assim como continua atraindo cada um de nós, pela excepcionalidade da Sua humanidade, que vislumbramos, que percebemos, que nos tocou, que nos restaura constantemente.

2. Pensemos em Dom Gius

O Papa nos disse, em Roma: «Dom Giussani atraía, convencia, convertia os corações porque transmitia aos outros aquilo que trazia dentro de si depois daquela sua experiência fundamental: a paixão pelo homem e a paixão por Cristo como realização do homem. Muitos jovens o seguiram porque os jovens têm um grande faro. O que ele dizia vinha da sua vivência e do seu coração, por isso inspirava confiança, simpatia e interesse» (“Arda no vosso coração esta santa inquietude profética e missionária”, *Passos*, n. 252, 2022, p. 29).

3. Quantos episódios da sua vida nos surpreenderam pela sua inteligência e pela sua carga de afeição! Pessoalmente, um momento que me marcou muito foi quando falei com ele quando era diácono. Com o diaconato escolhe-se, adere-se ao celibato. Dom Giussani me disse: «A palavra certa não é celibato, é virgindade». Eu tinha meditado a respeito e fui pedir ajuda, porque era uma escolha importante na vida. E ele disse: «Pense que a virgindade indica o modo de amar que Jesus tinha. Você quer isso?» «Como não!» Acrescentou que era o modo de amar que Jesus ressuscitado tinha depois da ressurreição, uma potência deste mundo, extraordinária, o modo de amar que todos nós teremos no último dia, a antecipação do definitivo. Como não se comover com alguém que diz algo assim? É realmente um espanto, uma maravilha. Então, ao acolher o diaconato, o sacerdócio, oferece-se a si mesmo, a própria vida, ao Senhor. Pensei: «Se eu perder isso, vou perder tudo!» Muito razoável e cheio de atração. Dom Giussani nos atraiu a Cristo pela excepcionalidade da sua humanidade, não apenas por aquilo que nos dizia. Era uma atração que passava pela sua humanidade.

4. Pensemos em como o encontro reacontece hoje

Basta lembrar o testemunho de Hassina perante o Papa. A mãe, vendo a experiência da filha, disse, sobre a Portofranco, uma obra que nasceu da experiência viva de Cristo: «Para mim foi como um marido, porque me ajudou a educar a minha filha» (“Arda no vosso coração...”, op. cit., p. 25).

O encontro que reacontece hoje é por causa da excepcionalidade de uma experiência humana que somos chamados a fazer e que está no centro de toda a nossa vida; apesar de todos os problemas que existem, aqui dentro há uma experiência guiada ao destino, seguindo o caminho que a Igreja nos indica, seguindo sobretudo o carisma como dom insuperável recebido na nossa história.

É uma humanidade que move, que comove, que consola, que reanima, que nos lança na vida.

É uma humanidade que torna simples a nossa adesão. A única coisa que nos é pedida é «a simplicidade das crianças»: «livres e verdadeiros, transparentes» (pp. 143 e 145).

Aqui entra o tema da conclusão de Giussani: «Só o maravilhamento conhece».

Esta é a chave para seguir o convite do Papa: «Encorajo-vos a encontrar as maneiras e as linguagens adequadas para que o carisma que Dom Giussani vos entregou alcance novas pessoas e novos ambientes». É um convite à missão, para que este maravilhamento que conhece alcance novas pessoas e novos ambientes, «para que saiba falar ao mundo de hoje, que mudou em relação aos primórdios do vosso Movimento» (“Arda no vosso coração...”, op. cit., p. 30). O significado deste convite é: «Comuniquem com coragem a todos esse estupor, esse maravilhamento que conhece». Este é o convite extraordinário que recebemos: o Papa nos disse que a evangelização é urgente. E como se faz para evangelizar? Partindo do maravilhamento encarnado numa experiência, num carisma, numa história, num caminho, o caminho em que estamos, com as pessoas do mundo, no lugar em que vivemos.

É o mesmo convite que Giussani nos faz na última página do texto que retomamos hoje: «Precisamos descobrir, então, na nossa educação, a maneira de perceber, de trazer à tona e afirmar a sugestividade de uma proposta». Afirmando a sugestividade de uma proposta, este é o ponto: a missão como sugestividade de uma proposta que nos toca e, através de nós, também toca as pessoas que normalmente encontramos na vida, no caminho cotidiano. «Só se a proposta for sugestiva é que nós a levamos a sério» (p. 145). A proposta da missão é uma proposta sem reticências, uma proposta sugestiva.

Pediram-me que explicasse a frase que eu disse durante a última Apresentação da Escola de Comunidade: «Nos últimos anos, muitas vezes confundimos a necessidade de evitar a superioridade no juízo para não parecermos orgulhosos – o que nunca devemos ser – com a renúncia a qualquer juízo. Chegamos ao ponto de teorizar que o juízo é, enquanto tal, “divisivo” e por isso nos afasta do outro» (*Apresentação*, 25 de janeiro de 2023). Diante da sugestividade da proposta, não podemos ser indecisos; e mesmo que a renúncia ou abstenção face a uma posição clara nunca tenha sido formalmente escrita, não podemos ser indecisos, não podemos nos isentar de um anúncio decisivo. O Papa nos chamou a uma paixão missionária mais intensa. «Valorizai o dom precioso do vosso carisma e a Fraternidade que o guarda, pois ele pode fazer com que muitas vidas “floresçam”» (“Arda no vosso coração...”, op. cit., p. 30). Este é o ponto que orienta todo o caminho. Nossa proposta se dá aprofundando a natureza do sujeito que somos; propondo com entusiasmo, na forma comunitária, o encontro que nos fascina; e arriscando um juízo sobre as circunstâncias em que vivemos e sobre o contexto cultural em que estamos. Isto aconteceu desde as primeiras aulas de Giussani no Berchet. Nas primeiras aulas ele discutiu com os alunos, depois falou com o professor de história e de filosofia e se posicionou, interveio. E todos eram colocados diante de um uso correto da razão. Porque esse é o ponto! É um fazer-se presente na realidade.

A origem da sugestividade não é uma técnica, não é um plano pastoral ou a repetição teórica de um discurso ou de um método; é o acontecimento imprevisto. O Papa sintetizou isso com estas palavras: Dom Giussani foi «fulminado pela descoberta do mistério de Cristo». E «a maravilha e o fascínio desse primeiro encontro com Cristo nunca mais o abandonaram» (“Arda no vosso coração...”, op. cit., pp. 28-29). Aqui está a fonte de sua «genialidade pedagógica e teológica» (*Ibidem*, p. 26). Portanto, não uma técnica, um plano pastoral, um conjunto de regras, mas um anúncio, um acontecimento imprevisto.

É bonito pensar como esta «fulminação», esta graça, tenha se tornado nele uma ousadia, uma fonte inesgotável de criatividade, de busca por maneiras mais eficazes, sem hesitar em mudar formas e maneiras quando as circunstâncias o sugeriam:

- o gramofone que ele levava para a aula – impressionante! – para que os alunos ouvissem músicas que evocavam o ideal;
- os poemas dos grandes autores que amava;
- as férias diante da beleza dos picos rochosos;
- a Via Sacra diante da beleza pungente do mar de Varigotti;
- a valorização das canções dos primeiros meninos e meninas que o seguiam;

- a leitura muito humana do Evangelho; não vou citar as passagens, nós as ouvimos enquanto nos preparávamos para a audiência com o Papa na Praça São Pedro (aliás, todos os bispos e cardeais que falaram comigo disseram: «Nunca vi uma praça rezar assim!»);

- a partilha de passagens das cartas que recebia;

- a surpresa – isso também era extraordinário – de ligar para você para conversar porque naquela tarde tinha visto você triste. «Filippo, o que aconteceu com você?», ele deve ter feito o mesmo com muitos de vocês. Certa vez, telefonei para ele de manhã bem cedo: «Desculpe acordá-lo». E ele disse: «Não, você é que tem que dormir um pouco mais de manhã!»

E que liberdade em relação às formas! Quantas vezes o Movimento mudou gestos e formas ao longo de sua história! É realmente um caminho, um caminho que vai em frente e cresce.

No início, havia o “Raio”, depois a Escola de Comunidade, e depois os grupos de Fraternidade. Agora, o Papa nos chama a desenvolver o potencial do nosso carisma e, para este objetivo, um momento decisivo – Presidente – é a retomada do trabalho nos grupos de Escola de Comunidade. Vamos trabalhar sobre a sugestividade!

Então:

- Quando, hoje – na sua experiência ou na de seus amigos –, a proposta se mostra mais sugestiva?

- Como os nossos grupos de Escola de Comunidade poderiam falar mais ao coração daqueles que encontramos? Você convida alguém quando tem certeza de que naquele encontro o coração pode ser tocado; mas se você não espera nada, você não convida!

- Como podemos julgar as inúmeras manifestações do «racionalismo moderno» em que nos encontramos, mostrando a beleza do juízo novo que carregamos?

Peçamos ao Senhor que nos torne apaixonados por Ele, criativos, porque a sua atração passa também através de nós: não há «Cristo sem Igreja» e não há «mundo sem eu»!

Tornemos a palestra de hoje e estas perguntas conclusivas objeto de diálogo entre nós.

Obrigado a todos.

Prosperi

Sou eu que agradeço – não só em meu nome, mas em nome de todos – por nos ter acompanhado e apresentado este texto tão denso e decisivo para o caminho do Movimento. Creio que vale a pena – retomando a última observação de Dom Filippo – lembrar por que escolhemos a forma de Apresentação, que é evidentemente sugestiva, para abordar o trabalho da Escola de Comunidade. É um texto extremamente fascinante, tanto quanto denso, que exige, portanto, um trabalho sério de comparação com o conteúdo da proposta, que nada mais é do que a condensação da experiência de Dom Giussani, a quem cada um de nós deve, direta ou indiretamente, o encontro que nos fez estar aqui esta noite.

Por que esse método? Repito: para que possamos levar a sério profundamente o conteúdo desta proposta, prestando atenção às passagens do texto que Dom Filippo – por isso lhe agradecemos – nos ajudou a penetrar com precisão e atenção. E todo o consequente trabalho de comparação e de envolvimento da nossa experiência pessoal (que, no que me diz respeito, já começou enquanto ele falava) acontece comunitariamente, dentro das nossas comunidades, pelas quais assumimos total responsabilidade, porque é um trabalho pedido a cada um de nós.

Assim, até o final de abril o trabalho da Escola de Comunidade será sobre a parte do livro *Dar a vida pela obra de Outro* apresentada esta noite, da pág. 111 à pág. 145.

Escola de Comunidade. A partir do mês de maio, começa o trabalho de Escola de Comunidade sobre *O senso religioso*. Na quarta-feira, 2 de maio, às 21h, no teatro Dal Verme, em Milão, haverá um encontro de apresentação com o padre Javier Prades – por ocasião da reedição do livro, que contém o prefácio assinado pelo então arcebispo de Buenos Aires, Jorge Mario Bergoglio –, que dará início ao trabalho. O encontro é um gesto público e missionário. As comunidades na Itália e no exterior poderão organizar encontros com transmissão ao vivo para as quais poderão convidar figuras públicas, amigos, colegas e conhecidos.

Aproveito a ocasião para lembrar a todos que em dezembro foi lançado o *podcast* sobre *O senso religioso*. Espero que todos já saibam, mas repito para sugerir a sua divulgação entre amigos, conhecidos, colegas e outros. Como vocês sabem, o *podcast* reúne as aulas sobre o tema, ministradas por Dom Giussani a estudantes universitários de Milão entre 1978 e 1985. Está disponível em todas as principais plataformas de *podcast*.

Caritativa. Acho muito importante que nos ajudemos a olhar ou a voltar a olhar para alguns aspectos cruciais relativos ao gesto da caritativa. Como sabemos pela educação que tivemos, a caritativa se distingue de um voluntarismo genérico porque, precisamente, é um gesto. O gesto carrega um significado – do latim *gero*, que carrega um significado – que dá sentido e forma à própria ação. No livreto *O sentido da caritativa*, Dom Giussani nos diz: «Antes de mais nada, a nossa natureza exige que nos interessemos pelos outros» (p. 4). Como a necessidade de fazer o bem responde a uma necessidade comum a todos os homens, a caridade também é uma grande oportunidade de encontro e de missão. Muitas pessoas que não fazem parte do Movimento podem ser encontradas e podem encontrar a origem da nossa experiência através de um gesto como a caritativa, precisamente porque corresponde a uma necessidade pessoal de todos. Em relação a isto, gostaria de reforçar a razão pela qual a caritativa é um gesto, tal como nasceu originalmente, como dimensão nossa, de presença, mas é sobretudo um gesto de educação da pessoa, isto é, de cada um de nós. A proposta da caritativa nasce comunitariamente, é feita dentro da vida da comunidade. Assim, a proposta deve ser feita em primeiro lugar por aqueles que guiam a comunidade. A caritativa não é simplesmente uma iniciativa feita porque há uma necessidade aqui e ali, mas é um gesto educativo do qual se participa de uma forma tendencialmente comunal. Consequentemente, também deve haver um lugar para, depois, verificar a experiência feita, porque, a uma proposta, deve haver sempre uma verificação da experiência vivida. E essa verificação é pessoal, dentro de um âmbito comunitário no qual nos ajudamos a julgar o que estamos vivendo, o que experimentamos, as dificuldades que temos. Este lugar é a comunidade. Não temos representantes especiais para a caritativa, autoridades para a caritativa, que é uma dimensão da vida comunitária. Portanto, como tal, o âmbito privilegiado para o juízo sobre ela é a Escola de Comunidade, a vida da comunidade. Por isso, recomendo que, ao longo do percurso da Escola de Comunidade, as comunidades dediquem um momento de reflexão aos gestos de caritativa propostos, para nos ajudarmos a entender cada vez mais o seu valor.

Cartaz de Páscoa. O Cartaz exprime o conteúdo do nosso caminho, do olhar que investe a nossa vida. O Movimento propõe o Cartaz como instrumento missionário – não é simplesmente para ser pendurado no próprio quarto! –. O Cartaz em Vídeo será publicado no site de CL, e foi pensado para possibilitar compartilhá-lo também no formato digital. Vamos assistir a ele juntos.

[*Projeção do Cartaz de Páscoa em vídeo*]

Santoro

Para que o recomeçar seja um acontecimento verdadeiro entre nós, digamos juntos:

Glória

Obrigado a todos e boa noite.

Prosperi

Obrigado.